

A LÍNGUA ORAL E SUA INFLUÊNCIA NO CURSO DE LETRAS

Lorena Ferreira de Resende ¹

Sandra Diniz Costa²

Resumo

Este trabalho apresenta um estudo na área de Sociolinguística, especificamente a questão da influência das variações linguísticas na fala dos alunos do Curso de Letras de uma faculdade no interior de Minas Gerais. Uma das mais intensas pressões que o aluno do Curso de Letras enfrenta diz respeito ao dialeto que ele fala e traz para a sala de aula e a necessidade de aprender a usar a norma culta, uma vez que ele sairá da Faculdade para trabalhar como professor de língua materna. O que se percebe é que o referido aluno não tem noção desse fato e continua a falar (e escrever) sem a preocupação com sua futura profissão. Assim é que muitos desses alunos continuam a dizer “nóis vai, nóis pegô, nóis foi”, além de “truxe, fiçu” e outras expressões que não condizem com o seu status de futuro professor. Assim, este artigo visa a fazer uma análise da contribuição que a Sociolinguística pode dar para melhor compreender esse fenômeno. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica em livros, revistas e *sites* da Internet que tratam do assunto.

Palavras-chave: Linguística. Sociolinguística. Variações dialetais. Língua oral e língua escrita.

Resumén

Este trabajo presenta un estudio en el área de Sociolingüística, específicamente la cuestión de la influencia de las variaciones lingüísticas en el habla de los alumnos del Curso de Letras de una facultad en el interior de Minas Gerais. Una de las más intensas presiones que el alumno del Curso de Letras enfrenta se refiere al dialecto que él habla y trae al aula y la necesidad de aprender a usar la norma culta, una vez que salga de la Facultad para trabajar como profesor de lengua materna. Lo que se percibe es que el referido alumno no tiene noción de ese hecho y continúa hablando (y escribir) sin la preocupación por su futura profesión. Así es que muchos de estos alumnos continúan diciendo “nóis vai, nóis pegô, nóis foi”, além de “truxe, fiçu” y otras expresiones que no concuerdan con su status de futuro profesor. Así, este artículo apunta a hacer un análisis de la contribución que la Sociolingüística puede dar para comprender mejor ese fenómeno. Se trata de una investigación bibliográfica en libros, revistas y sitios de Internet que tratan el asunto.

Palabras clave: Lingüística. Sociolingüística. Variaciones dialectales. Lengua oral y lengua escrita.

¹ Graduanda em Letras pela Fundação Carmelitana Mário Palmério-Fucamp, em Monte Carmelo-MG. ✉ lorena_resende20@hotmail.com.

² Professora ME. de Língua Portuguesa e Linguística- orientadora ✉ professorasandradiniz.ufu@gmail.com

Introdução

Uma das mais intensas pressões que o aluno do Curso de Letras enfrenta diz respeito ao dialeto que ele fala e traz para a sala de aula e a necessidade de aprender a usar a norma culta, uma vez que ele sairá da Faculdade para trabalhar como professor de língua materna. O que se percebe é que o referido aluno não tem noção desse fato e continua a falar (e a escrever) sem a preocupação com sua futura profissão. Nesse sentido, a Sociolinguística tem uma expressiva contribuição a oferecer sobre o tema, especificamente a questão das variações linguísticas tem sido estudada por muitos pesquisadores, no sentido de auxiliar o professor de línguas a trabalhar as dificuldades comunicativas de seus alunos.

Assim, este estudo tem o objetivo de analisar a influência das variações linguísticas na fala dos alunos do Curso de Letras. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, em livros, revistas e *sites* da Internet que tratam do assunto.

É uma pesquisa que se justifica, porque contribui para o entendimento da importância da Sociolinguística no meio acadêmico, principalmente nos cursos de Licenciatura, que, como estão voltados a formarem profissionais educadores, devem mostrar a seus alunos a existência da variedade linguística, mas também prepara-los para que possam se utilizar da mesma no momento de ensinar.

Este artigo se divide nas seguintes seções: após esta Introdução, a segunda seção apresenta as questões relativas a linguagem, língua, fala, norma e variações linguísticas. A terceira seção discute as relações entre língua oral e língua escrita no trabalho com a língua materna. Apresentam-se, em seguida, as considerações finais e as referências.

1 Linguagem, língua e fala

Para que possamos iniciar este artigo, torna-se necessário que entendamos o que é linguagem, língua e fala como termos distintos, mas correlacionados.

Linguagem é a capacidade restrita aos seres humanos de expressar sentimentos, sensações, transmitir informações opiniões ou mesmo expressar desejos, possibilitando a troca de informações entre os falantes. De acordo com Fiorin (2013):

A linguagem é a capacidade específica da espécie humana de se comunicar por meio de signos. Entre as ferramentas culturais do ser humano, a linguagem

ocupa um lugar à parte, porque o homem não está programado para aprender física ou matemática, mas está programado para falar, para aprender línguas, quaisquer que elas sejam. Todos os seres humanos, independentemente de sua escolaridade ou de sua condição social, a menos que tenham graves problemas psíquicos ou neurológicos, falam. Uma criança, por volta dos três anos de idade, já domina esse dispositivo extremamente complexo que é uma língua.

A linguagem responde a uma necessidade natural da espécie humana, a decomunicar-se. No entanto, ao contrário da necessidade de comer, dormir, respirar, manter relações sexuais, etc., ela não se manifesta de maneira natural. Ela deve ser aprendida. No caso da linguagem verbal, ela deve ser aprendida sob a forma de uma língua, a fim de se manifestar por meio de atos de fala. A língua é um sistema de signos específicos aos membros de dada comunidade.

A aptidão para a linguagem é um traço genético. Sua realização, no entanto, passa por um aprendizado, que é do domínio cultural, como testemunham os casos das crianças selvagens, cuja capacidade de linguagem não se desenvolveu. (FIORIN, 2013, p. 1-2)

Assim, percebe-se a linguagem como a capacidade de comunicação do ser humano, que utiliza diversas manifestações como gestos, expressões corporais, música, dança, obras de arte, palavra escrita e falada entre outros. Divide-se em linguagem verbal, que abarca a linguagem oral ou escrita, com a utilização de códigos que servem para facilitar a comunicação, e a linguagem não verbal, que utiliza símbolos e sinais em forma de desenhos e figuras que servem como ponte para a comunicação sem a utilização de palavras.

A língua pode ser em sentido mais simples entendida como a capacidade de comunicação por meio de uma mesma linguagem disponível culturalmente, ou seja, uma língua natural. Ou ainda em sentido mais amplo, pode designar qualquer sistema de signos usados para se comunicar. Preti (2002) traz como conceito de língua:

A língua é apenas uma entre outras formas de comportamento, um entre outros modos de realização das atividades culturais praticadas pelo grupo. Como essas formas de comportamento, a língua também varia no interior de uma sociedade, de tal maneira que os indivíduos que possuem entre si laços mais estreitos de convívio, relações de maior e mais durável intimidade, apresentam, precisamente por isso, modos de falar muito semelhantes (ou quase idênticos) que os distinguem de outros indivíduos. (PRETI, 2002, p.2)

Dessa forma entendemos a língua, como algo universal, de acordo com a sociedade em que o indivíduo está inserido, mas se separa da fala, que seria uma parte variante dessa língua, em que cada indivíduo coloca no ato da comunicação características próprias de utilizá-la e que varia de acordo com agrupamentos menores de pessoas com características semelhantes.

Por fim a linguística, que é o estudo que se faz das línguas naturais para buscar a compreensão sobre a linguagem, buscando, por meio de observação do uso de determinada

língua, linguagem a partir de enunciados, realização de pesquisas, testes, experimentos entre outros. De acordo com Eni Puccinelli Orlandi (2009):

Há um número enorme de fatos que mostram essa atenção que os homens de diferentes épocas sempre dedicaram à linguagem. Mas é só com a criação da linguística que essas manifestações da curiosidade do homem tomam a forma de uma ciência, com seu objeto e método próprios. (...)

Não foi sem dificuldades que a reflexão sobre a linguagem conseguiu se impor como ciência. Para isso, teve de demonstrar o apuro de seu método e a configuração precisa de seu objeto. A linguística definiu-se, com bastante sucesso entre as ciências humanas, como o estudo científico que visa descrever ou explicar a linguagem verbal humana.

Dada nossa tradição escolar, há uma tendência em se identificar o estudo da linguagem com o estudo da gramática. A linguística, no entanto, distingue-se da gramática tradicional, normativa. Ela não tem, como essa gramática, o objetivo de prescrever normas ou ditar regras de correção para o uso da linguagem. Para a linguística, tudo o que faz parte da língua interessa e é matéria de reflexão.

Mas não é qualquer espécie de linguagem que é objeto de estudo da linguística: só a linguagem verbal, oral ou escrita. Os sinais que o homem produz quando fala ou escreve são chamados signos. Ao produzir signos os homens estão produzindo a própria vida: com eles, o homem se comunica, representa seus pensamentos, exerce seu poder, elabora sua cultura e sua identidade etc. (ORLANDI, 2009).

Assim percebe-se a importância da linguística como ciência, pois que nos permite a compreensão através de processos minuciosos, do que vem a ser a língua e a linguagem e sua importância para a interação da comunicação humana.

2 Dialetos e sua ação na escola

O Brasil apresenta uma vasta variedade linguística, fato que influencia o ensino da Língua Portuguesa no âmbito escolar, pois que seus falantes trarão de seu entorno social as experiências linguísticas adquiridas por eles. Tal fato causa atritos na escola, por ela não utilizar-se da aprendizagem linguística que ocorre nas relações dos educandos e tratar, muitas vezes, as variações e os dialetos como se fossem utilizados apenas pelos habitantes do meio rural e pessoas não escolarizadas. Todavia, Bagno (1999) nos diz ser de grande importância para os falantes reconhecerem e aprenderem a conviver com essas variações:

A *variação linguística* tem que ser objeto e objetivo do ensino de língua: uma educação linguística voltada para a construção da cidadania numa sociedade verdadeiramente democrática não pode desconsiderar que os modos de falar dos diferentes grupos sociais constituem elementos fundamentais da *identidade* cultural da comunidade e dos indivíduos particulares, e que denegrir ou condenar *os seres humanos que a falam*, como se fossem incapazes, deficientes ou menos inteligentes – é preciso mostrar, em sala de aula e fora dela, que a língua varia tanto quanto a sociedade varia, que existem muitas maneiras de dizer a mesma coisa e que todas correspondem a usos diferenciados e eficazes dos recursos que o idioma oferece aos seus falantes; também é preciso evitar a prática distorcida de apresentar a variação como se também não houvesse variação (e mudança) linguística entre os falantes urbanos, socialmente prestigiados e altamente escolarizados, inclusive nos gêneros escritos mais monitorados (BAGNO, 1999, p. 16).

Dessa forma, entende-se que a variação linguística, ou os dialetos, estão presentes no cotidiano escolar, seja na formação básica, no Ensino Médio ou nos cursos de Graduação ou de Pós-Graduação e são de grande importância, pois são a marca cultural de um falante e deve ser levada em conta no aprendizado e uso da língua portuguesa.

2.1 O conceito de norma linguística

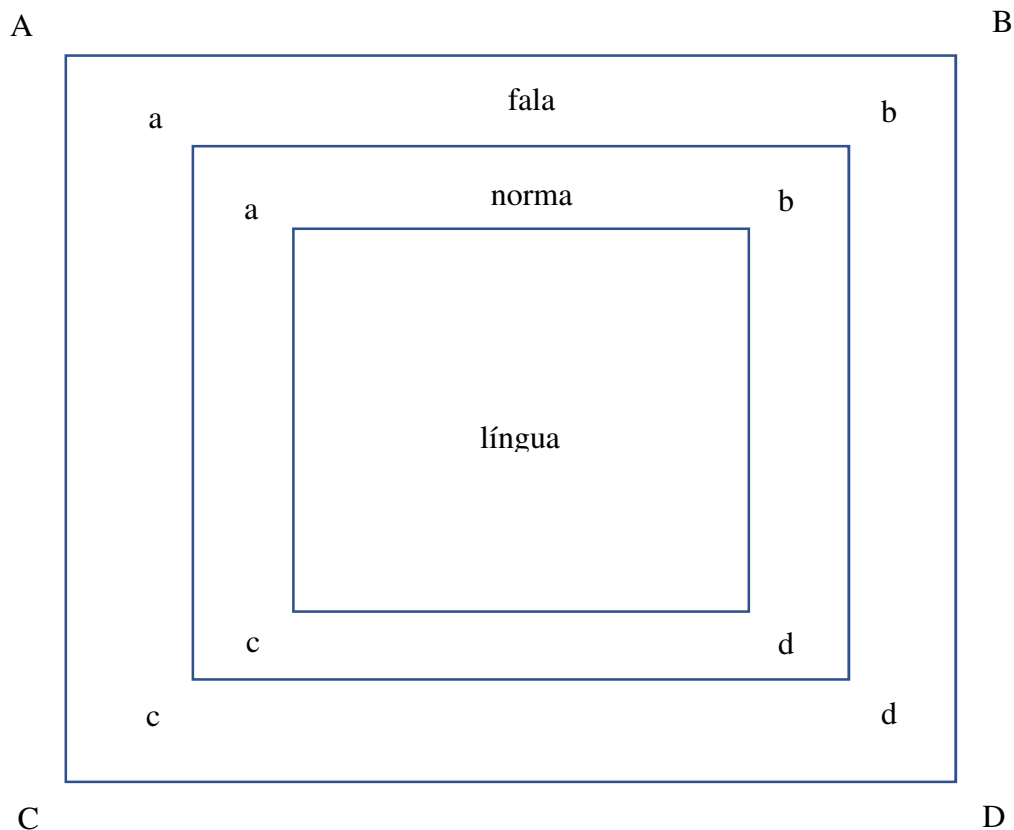
A norma, segundo Francisco da Silva Borba (1998: 49), é definida como “[...] um conjunto de realizações constantes e repetidas, de caráter sociocultural e dependente de vários fatores operantes na comunidade idiomática”. Dessa forma, podemos entender que a norma linguística tem o propósito de estabelecer regras para a utilização da língua. Ressaltando Carvalho que diz:

É à norma que nos prendemos de forma imediata, conforme o grupo social de que fazemos parte e a região onde vivemos. A forma seria assim um primeiro grau de abstração da fala. Considerando-se a língua (o sistema) um conjunto de possibilidades abstratas, a forma seria então um conjunto de realizações concretas e de caráter coletivo da língua. (CARVALHO, 2003, p. 55).

Assim, a norma é estabelecida pelo grupo, que adota o que deve ser certo e errado em cada contexto dentro da coletividade, permitindo que se socialize a língua e crie variações de acordo com cada sociedade.

A Figura 1 demonstra o modelo coseriano, que, segundo Carvalho (2003), permite concluir que “a norma é a realização da língua, e a fala, por sua vez, a realização da norma”, ou seja implica que língua, norma e fala estão interligadas em sua existência e utilização.

Figura 1 Modelo coseriano exemplificando a relação entre língua, norma e fala.



ABC = fala (realização individual do subcódigo)

abcd = norma (subcódigo)

a'b'c'd' = língua (código)

Fonte: Retirado do livro "Para compreender Saussure." de Castelar Carvalho; 2003

2.2 Variações linguísticas

Percebe-se que nenhuma língua é homogênea, e todas elas são portadoras de variedades, sejam elas históricas ou regionais, sofrendo alterações realizadas por seus falantes que fazem parte de grupos sociais, nos quais os indivíduos de faixas etárias, origem geográfica, escolaridade e sexo diferentes estão em constante relacionamento, empregando assim diferentes formas de utilizar a língua. Assim a variedade linguística define-se pela variedade existente em uma sociedade de diversas formas de falar de seus interlocutores.

2.2.1 Variações históricas ou cronológicas

As variações cronológicas dizem respeito as mudanças pelas quais a língua passa ao longo do tempo. Como exemplo temos a questão ortográfica, por exemplo a palavra “você”, que tem origem na expressão de tratamento de deferência “vossa mercê”, que sofreu inúmeras transformações com o tempo passando seguidamente para “vossemecê”, depois em “vosmecê”, “vancê”, até chegar aos dias atuais onde o “você” tem sido substituído nos meios virtuais por “vc”.

2.2.2 Variações geográficas ou diatópicas

São variações que ocorrem de acordo com cada região, podendo ser chamadas também de dialetos, podem ser descritas como uma linguagem própria de determinadas comunidades existindo simultaneamente à outra língua, tendo suas próprias características linguísticas, estrutura semântica, léxico e características fonológicas, morfológicas e sintáticas, sendo, normalmente, restrito a uma comunidade regional. Um exemplo disto são a raiz que em alguns locais é conhecida por “mandioca”, em outros por “aipim” ou ainda “macaxeira”. Ou ainda a abobora que em algumas regiões ganha o nome de “jerimum”.

2.2.3 Variações sociais ou diastráticas

Estas variações são aquelas ocorridas em virtude da convivência entre grupos sociais, mas que são pertencentes a grupos específicos dentro dos mesmos. Temos como exemplos de variações diastráticas as gírias que pertencem ao vocabulário específico de determinados grupos sociais (surfistas, cantores de rap, estudantes, roqueiros, etc), os jargões que fazem parte de uma linguagem técnica relacionadas a áreas profissionais (médicos, advogados, profissionais da informática, etc.) e o linguajar caipira.

2.2.4 Níveis de formalidade da linguagem

Os níveis de formalidade da linguagem estão ligados à relação entre os falantes; para que haja a comunicação, deve haver o uso do nível de linguagem adequado para o entendimento da mensagem. Assim, esses níveis de formalidade levam em conta as camadas

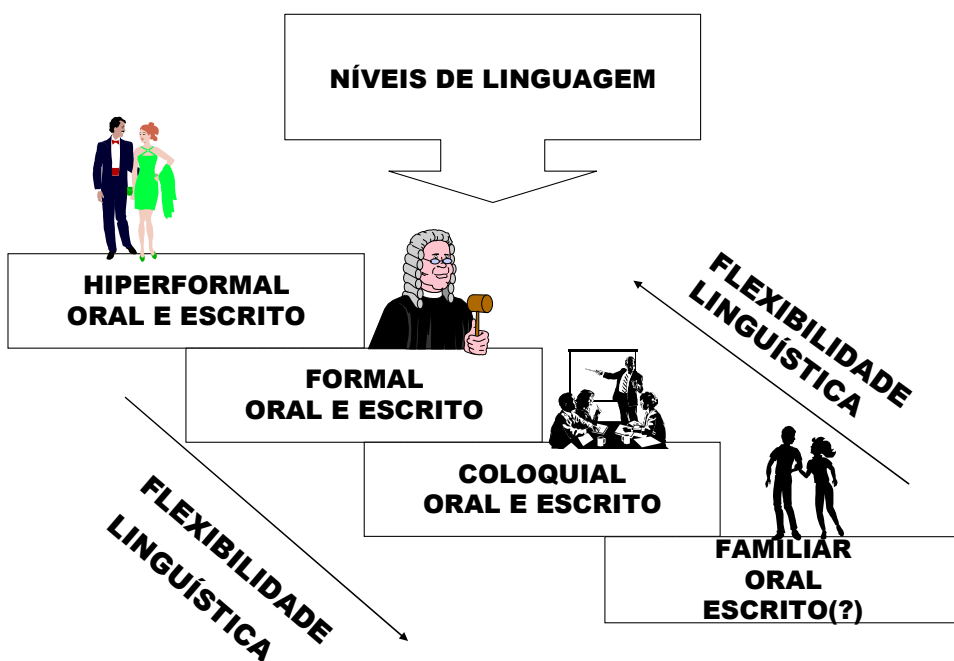
socioeconômicas, a cultura, faixa etária, gênero, situações de comunicação em que estejam inseridos os interlocutores.

Portanto, para cada situação, haverá um vocabulário, modo de se falar, entonação, e assim por diante, mais adequado ao contexto, permitindo a decodificação da mensagem da melhor forma.

Os principais níveis de linguagem são:

- Linguagem culta ou padrão;
- Linguagem coloquial, informal ou popular;
- Linguagem regional ou regionalismo;
- Gírias;
- Linguagem Vulgar.

A Figura 2 apresenta os níveis de linguagem segundo Vanoye (1979)



Fonte: COSTA (2016, p. 5)

Pela figura, percebe-se que falar bem não é usar apenas os níveis cultos de registro, mas ter a flexibilidade linguística: saber conversar com todos e em qualquer situação, mantendo a correção linguística e a simplicidade de expressão. Este é o objetivo primeiro do ensino de Língua Portuguesa na escola.

2.2.5 O conceito de norma culta

Norma culta se refere ao conjunto de padrões linguísticos que vão determinar o uso correto da língua de acordo com a camada escolarizada da população. Portanto, é a norma mais conceituada, tratada como uma linguagem culta e erudita, utilizada por um grupo pertencente à camada mais privilegiada e escolarizada da população.

Seu domínio está ligado ao uso correto da gramática da língua falada, com o devido uso da pontuação, da acentuação, da colocação pronominal, da concordância e da regência, entre outros.

3 Língua oral e língua escrita

Há muitas diferenças entre a língua oral e a língua escrita, visto que ambas se determinam meios de comunicação distintos.

A língua oral é mais espontânea, sendo acompanhada em seu uso por formas peculiares de se enfatizar o que é dito como o tom de voz e a linguagem corporal, que permitem expressar emoções e sentimentos facilmente.

A língua escrita é um sistema disciplinado e rígido, amplamente normatizado pela gramática vigente da língua. O Quadro 1 apresenta as diferenças entre língua oral e língua escrita:

Quadro 1: Diferenças entre língua oral e língua escrita

Língua oral	Língua escrita
É dinâmica: pode-se fazer modificações ao longo da interlocução	É estática: uma vez pronta e publicada, permanece
É espontânea	É mais elaborada e editada
É multifacetada: passa-se de um registro para outro, sem que se percebam os limites	É uniforme; predomina um único registro, dependendo do objetivo do texto.
Alternam-se palavras e gestos	Predominam palavras
Predomina o aspecto afetivo	Predomina o aspecto intelectual, cognitivo
Pode haver frases incompletas, que serão preenchidas com gestos e expressões faciais	O texto escrito precisa, necessariamente, ser completo
O vocabulário é mais simples	O vocabulário é mais elaborado

4 Metodologia

Este estudo utilizou como metodologia a pesquisa bibliográfica em livros, revistas e sites da Internet a respeito. Segundo Lakatos e Marconi:

A pesquisa pode ser considerada um procedimento formal com método de pensamento reflexo que requer tratamento técnico ou científico, e se constitui no caminho para se conhecer a realidade ou para descobrir verdade parcial. Significa muito mais do que apenas procurar a verdade, mas descobrir resposta para perguntas ou soluções para os problemas levantadas, por meio do emprego de métodos científicos (LAKATOS; MARCONI, 1987, p.15)

Dessa forma entende-se a pesquisa bibliográfica como uma forma de se adquirir conhecimentos, transformando o graduando em pesquisador no momento em que ele passa a buscar o conhecimento para embasar seu texto.

Considerações finais

Encerrando a pesquisa, percebe-se que a oralidade da língua portuguesa tem uma importância muito grande para os egressos do Curso de Letras, por ser a mais próxima e a primeira utilizada por seus falantes, e que no estudo da língua portuguesa, deve ser utilizada e bem aproveitada.

Como o Curso de Letras tem como premissa o estudo da Língua Portuguesa como um todo, formando futuros professores desta disciplina, estes passam a serem mais cobrados no seu dia a dia a utilizarem a modalidade padrão da língua.

Não se trata de negar a língua de origem do aluno, nem discriminá-lo por usá-la. Ao contrário, o professor de línguas, egresso do Curso de Letras, precisa, embora respeitando a linguagem de origem do aluno (e a sua própria), tornar-se proficiente também na norma culta e saber usa uma ou outra, conforme a situação, o contexto da conversação.

Nesse sentido, Miriam Lemle pontua:

A missão do professor é, portanto, a de guiar os educandos na direção da aquisição da flexibilidade linguística necessária para o desempenho adequado nos atos linguísticos diversos que deverá estar preparado a realizar. Saber mudar de um dialeto para o outro segundo a ocasião o exija, essa é a meta do educador. O papel do professor é o de tomar consciência das regras tácitas do jogo e transmiti-las ao educando.

Note-se que essa maneira de encarar o ensino da língua materna poupa ao aprendiz vários traumas: primeiro, o trauma psicológico de ter rebaixada a sua autoestima, ao receber desde cedo a marca de falante de segunda categoria. Segundo, o trauma sociopsicológico de ter impingido como objetivo educacional o submeter-se a uma radical metamorfose linguística que o separaria de sua família e de seu meio social. Nunca é demais frisar: o objetivo a ser proposto não é : “*aprenda a norma culta em vez do Português que você fala*” e, sim : “*aprenda a norma culta além do Português que você fala, e utilize um ou outro, segundo as circunstâncias*” (LEMLE, 19980, grifos da autora).

Assim sendo, para guiar seus alunos no uso da norma culta, o professor precisa conhecê-la, saber usá-la nas diversas situações de ensino na sala de aula.

Referências

ABNT Associação Brasileira de Normas Técnicas. **NBR 14.724, de 17.03.2011.** Informação e documentação, trabalhos acadêmicos, apresentação. Válida a partir de 17.04.2011. Rio de Janeiro, 2011.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz.** São Paulo: Loyola, 1999.

_____ **A língua de Eulália.** São Paulo: Contexto. 2016.

BECHARA, Evanildo. **Ensino de gramática: opressão? Liberdade?** São Paulo: Ática, 1985

CARVALHO, Castelar de. **Para compreender Saussure.** Fundamentos e visão crítica. Petrópolis, RJ; 2003.

CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra. **Falares e dialetos.** Apostila do curso de Letras/LIBRAS. Disponível em: <<http://biblioteca.virtual.ufpb.br/files/sociolinguistica>> Acesso em 18/10/2017.

COSTA, Sandra Diniz. **Linguística aplicada ao ensino de línguas** Monte Carmelo: Fucamp, 2016.

FIORIN, J. L. A linguagem humana: do mito à ciência. In: _____ (org.) **Linguística? Que é isso?** São Paulo: Contexto, 2013 – Disponível em https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:n3NsdBDTww0J:https://editoracontexto.com.br/downloads/dl/file/id/1508/linguistica_que_e_isto_primeiro_capitulo.pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br - Acesso em 18/10/17.

KATO, M. **No mundo da escrita: uma perspectiva sociolinguística.** São Paulo: Ática, 1993.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Pesquisa bibliográfica.** In: Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Atlas, 2007

LEMLE, Miriam. **Pressões heterogeneizantes e língua padrão.** Texto mimeografado, 1980).

MOLLICA, Maria Cecília. **Introdução à sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2003.

PRETI, D. **O léxico na linguagem popular: a gíria**. São Paulo: FFLCH, USP, 2002.

SOARES, M.B. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. São Paulo: Ática, 1986.